

A memória não tem forma, inumerável que o é. Sua matéria é a soma de todos os transitórios: coisas, seres, nomes de seres e de coisas. A memória é um lugar errante que, inventado pelos sentidos, pode deslocar o sentir de um a outro desejo de objeto. Um lugar no presente para salvaguardar os idos. A memória que muda de nomes. Nela, tudo se corta, tudo se monta, tudo se narra. Porque, no dizer do poeta Waly Salomão, “a memória é uma ilha de edição”. Na memória, cauterizam-se amores; impérios se apagam; cidades se inventam. A memória migratória.

Memória que é a matéria da exposição de imagens de Lela Martorano, “Cidades Inventadas”, porque não basta descrever suas intuições e insights apenas como sendo fotografia. Não. São imagens semoventes tudo aquilo que a artista coleta, num filme comum, e as seleciona e as organiza em nacos de sentires que transportam a sensações extraterrenas. Por exemplo: uma estrada não é somente a estrada, mas rota inenarrável em que trafegam fragmentos de viveres, muitos inomináveis, e também antevições de reminiscências ainda por viver.

A cidade inventada por Lela Martorano, nesse seu arrebatamento sensorial, torna-se então uma cidadela meio impossível, fora de foco, feita apenas dum vazio banco de praça, de uma manada, de um antigo letreiro da Esso e de um vulto de gente (ou seria uma aparição apenas?). Uma cidade construída em treze *takes*, colhidos quase a esmo numa televisão acesa. Isso porque a cidade que Lela criou, a partir de diversos programas de televisão, tem o poder de desapropriar à mídia aquilo que a mídia falseou. Ou seja, ela foca a tela de TV e, no instante exato, mas imprevisível, aprisiona qualquer algo da coisa vista.

Assim, cada imagem de “Cidades Inventadas” possui uma indefinível existência: é a coisa em si, supondo-se que as coisas caibam em si mesmas. É a imagem que a televisão trafica. E é a imagem que o suporte da fotografia immobiliza, registrando em forma fixa. Uma cidade que é também inventada por aquele que a observa, a sente, a capta e a re-significa.

Lela Martorano fala em “imagens internas” e é possível pensar-se numa endoscopia do vivido que, no caso dessa menina de São Joaquim, incorpora até mesmo antigas “chapas” de seu pai fotógrafo. O pai morto, aqui presente. O pai vivo – sobrevivente sob a camada espessa de viveres sobrepostos. Ou seja, uma cidade que Lela inventa para que seu pai ainda ali exista.

O seu aproximar-se da imagem, por isso, é intuitivo, e não pode ser contido numa fixidez de metáfora. O posto de gasolina antigo, nesse sentido, é mais do que figura. É solidão, sarcófago, oração de saudação ao mundo antigo. É o olhar de melancolia e ironia sobre as coisas que perderam função, valor, sentido. O combustível gasto do animal humano. Ou só uma bomba com um luminoso acima.

Roland Barthes falava do ponto (*punctum*) indefinível em que a fotografia ultrapassa a condição de reprodução da realidade e alcança, num detalhe quase imperceptível da imagem e quase sempre fora da figura retratada, um outro lugar de significação. Um ponto sensível que é, portanto, pessoal (às vezes inexplicável, porque parte quase só do subjetivo).

Pois o ponto sensível de “Cidades Inventadas” é o próprio processo de Martorano. O que nos toca é esse seu olhar que se fixa em vão, rápido como uma imagem de televisão que vive para passar, ou para sumir no sorvedouro dos sinais que se perdem e dispersam entre os satélites.

Um fazer imagem que não exclui nem mesmo o ‘ruído’, como é o caso do ícone do canal GNT que resta, como um sol sonolento, no alto do canto esquerdo da imagem do banco sem ninguém. Um resto de matéria do mundo que registra essa passagem entre os espaços do imaginário – transportas... –, num trânsito intenso de invenções de cidadelas, seres, coisas e nomes de sentires ainda por denominar. Memorar.

Dennis Radünz